

A ABORDAGEM RADICAL DE WITTIG PARA ABOLIR O GÊNERO

Kelvin Araújo da Nóbrega Dias¹ 

WITTIG, M. *O pensamento hétero e outros ensaios*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

Monique Wittig, teórica feminista francesa, é a autora de uma série de textos sob o título ‘O Pensamento Hétero e Outros Ensaios’. Em 1978, o ensaio intitulado “The Straight Mind” foi apresentado na conferência anual da Modern Language Association. Wittig estava extremamente indignada com o movimento feminista francês, muito antes das reações após a sua leitura em Nova York. A autora já vinha notando a exclusão das lésbicas no Mouvement de Libération des Femmes [Movimento de Liberação das Mulheres] (MLF) e já havia sofrido uma traição por parte das organizadoras da revista *Questions Féministes*. Elas haviam combinado que a última edição da revista seria dedicada a questionar a estrutura heteropatriarcal de poder e que, após isso, encerrariam as atividades da publicação. No entanto, outras feministas e organizadoras fundaram a *Nouvelles Questions Féministes*, evitando totalmente o debate central para Wittig: a heterossexualidade compulsória. Wittig percebe que o feminismo predominante apoiava esse discurso e o poder heteropatriarcal. Lançado no Brasil em 2022, o livro apresenta uma meticulosa investigação das estruturas sociais, políticas e culturais que sustentam a hegemonia da heterossexualidade e a subjugação das mulheres. A abordagem radical de Wittig (2022) forneceu as bases para o que Butler (2018) conceituaria como matriz heterossexual.

A ideia fundamental na obra de Wittig consiste em expor o que é um homem e uma mulher em termos políticos e sociais. Se nós (gays, lésbicas e dissidentes sexuais em geral) não cumprimos com os papéis de gênero tradicionais, nós não somos homens, nem mulheres “de verdade”. Não só em termos de igualdade de tratamento, mas porque as categorias homem e mulher não existem descondicionadas uma da outra. Ser homem e ser mulher consiste mormente em uma relação de dominação, com implicações de trabalho reprodutivo, sexual e social, explorando o “sexo” que foi chamado de mulher. O próprio sexo que também não existe desvinculado da criação do gênero, já que a categoria sexo funda a sociedade enquanto heterossexual. Homens e mulheres são resultados de relações. Destarte, seu argumento principal é que a heterossexualidade não é uma categoria natural ou biológica, mas sim uma construção social e política.

Longe de qualquer essencialismo, suas críticas expõem como as diversas abordagens da filosofia ocidental estão intrincadas no pensamento hétero por meio de binários como “o bem e o mal”, seja a dialética, o materialismo ou o “contrato social”. “Afeminar” a escrita, por exemplo, não representa nenhuma ruptura. Muito à frente de seu tempo, a autora já enxergava o problema de exaltação das diferenças como forma de empoderamento e superação da opressão, quando a diferença é, na verdade, normalizar a opressão e ainda atribuir um significado positivo à dominação. Sua abordagem radical consiste também em apontar o que se chama de homem, o tratamento masculino para se referir à norma, o padrão, o neutro, é o privilégio de não ser o “diferente”, o “outro”. Então, além de expor o domínio masculino nos idiomas, neutralizar a linguagem é parte do caminho que devemos percorrer.

Wittig expressa um incômodo profundo tanto com a dialética clássica, quanto com a do método marxista. A autora argumenta que este método se concentra em oposições binárias, oprimidos versus opressores, e que isso pode deixar de fora formas mais complexas de opressão e desigualdade, uma vez que a luta de classes da época



¹ Mestre em Relações Internacionais na UEPB. Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Relações Internacionais, João Pessoa, Brasil. kelvinkand@gmail.com

(uma interpretação economicista e acrítica da teoria marxiana tinha forte influência nos círculos marxistas durante a década de 90 do século XX) negligenciava as particularidades de raça, gênero, sexo e sexualidade ao viés da análise economicista. A crítica de Wittig ao marxismo também se estende à ingenuidade de Marx em relação à resolução das contradições sociais após o processo revolucionário. Wittig argumenta que Marx foi demasiadamente otimista ao presumir que todas essas contradições desapareceriam magicamente após a revolução, posto que elas estão interligadas ao modo de produção capitalista. Essa visão ingênua, na perspectiva de Wittig, falha em reconhecer a complexidade das estruturas de poder e a persistência das relações de dominação, mesmo após uma transformação revolucionária. Isso porque essas dinâmicas não podem ser resumidas apenas entre relações de trabalhador e patrão, operariado e burguesia. Conforme Wittig (2022), não há garantias de que isso ocorreria, nem comprovação sólida para sustentar essa premissa. Se por um lado é verdade que as opressões são organizadas a partir da base material da sociedade, por outro, isso não significa que elas cessariam apenas com uma mudança econômica, posto que a heterossexualidade é um regime político. Em vez disso, Wittig propõe uma abordagem que leve em consideração a multiplicidade de fatores que marcam as pessoas por meio de regimes de diferenciação, e enfatiza a relação dinâmica das várias formas de opressão - em especial a opressão lesbiana - e a maneira como elas se conectam com outras estruturas de poder. Sugere-se um pensamento que não opere com o sistema binário, que vá além da dialética tradicional e enxergue as estruturas de poder de forma mais ampla e complexa. Em outras palavras, Wittig critica a dualidade presente no pensamento filosófico ocidental e metafísico, ao denunciar a criação de opostos, como macho *versus* fêmea, luz *versus* escuridão, bom *versus* mau. Esses termos de juízo foram essenciais na moldagem do mundo moderno e de seus regimes políticos de diferenciação.

Outrossim, Wittig problematiza a celebração das diferenças, destacando como essa celebração está intrinsecamente ligada aos binarismos da dialética original, uma tradição arraigada na filosofia ocidental. Seu argumento reside no entendimento de que essa celebração da diferença mascara sua verdadeira natureza como uma consequência direta das relações de opressão e dominação. A problemática é agravada pelo fato de que a celebração das diferenças é amplamente aceita tanto pelos principais representantes dos dominadores quanto dos dominados. Isso é visto como parte de um sistema que perpetua a opressão ao mascarar as verdadeiras raízes da diferença.

Na realidade, assim como no passado, os homens estão de um lado e as mulheres estão do outro. Os “Unos” dominam e possuem tudo, incluindo as mulheres, e os outros são dominados e apropriados. Acredito que, em uma situação como essa, e no nível da filosofia e da política, as mulheres deveriam prescindir do privilégio de serem diferentes e, acima de tudo, jamais formular essa imposição de serem diferentes (relegadas à categoria do Outro) como um “direito de ser diferente”, ou jamais se entregarem ao “orgulho de ser diferente”. (...) Onde está a obrigação de continuarmos aceitando uma série de entourloupettes ontológicas, etimológicas e linguísticas sob o pretexto de que não temos o poder? Faz parte da nossa luta desmascará-las, dizer que um a cada dois homens é uma mulher, que o universal pertence a nós, embora tenhamos sido destruídas e roubadas nesse nível, assim como no nível político e econômico. Os principais representantes dos dominadores e dos dominados adotaram esse ponto de vista. O Bem não está mais no parâmetro do Uno, do Macho, da Luz, mas sim no parâmetro do Outro, da Fêmea, da Escuridão. (...) Nunca o Outro foi tão enaltecido e celebrado. Outras culturas, a mente do Outro, o cérebro Feminino, a escrita Feminina, e assim por diante - nestas últimas décadas, aprendemos tudo o que diz respeito ao Outro. Não sei quem vai lucrar com esse abandono dos oprimidos em prol de uma vertente que os deixará mais e mais impotentes, destituídos da faculdade de serem sujeito mesmo antes de tê-la adquirido. Eu diria que só podemos renunciar ao que já temos. E acharia ótimo mandar os porta-vozes dos dominadores embora um por um, sejam eles do partido do Uno ou do partido do Outro (Wittig, 2022, p. 94-96).

Esse trecho oferece discernimento ímpar sobre como o neoliberalismo tem influenciado a ideologia contemporânea, incluindo a esquerda pós-moderna, ao solidificar a exaltação da diferença como um valor central. Essa retórica reforça a fragmentação social, perpetuando as desigualdades existentes. Wittig aponta para a persistência de uma dicotomia de gênero arraigada, na qual os homens ocupam uma posição de domínio sobre as mulheres. A autora critica a ideia de que as mulheres devem reivindicar o direito de serem diferentes, pois isso as relegaria à categoria do Outro e perpetuaria sua subordinação. Em vez disso, Wittig defende a necessidade de desmascarar as construções sociais que mantêm essa divisão e reitera que a luta das mulheres deve ser pela igualdade e pela rejeição das hierarquias de gênero. Os questionamentos de Wittig sobre quem realmente se beneficia desse enaltecimento do “Outro” sugerem que essa abordagem pode deixar os oprimidos ainda mais

impotentes e privados da capacidade de se tornarem sujeitos de sua própria história. Em suma, a crítica de Wittig ecoa a preocupação de que a retórica da diferença, ao invés de desafiar as estruturas de poder existentes, pode reforçar essas estruturas, ao fragmentar os movimentos políticos e sociais em identidades individuais isoladas. Essa fragmentação pode, por sua vez, minar os esforços coletivos por justiça e igualdade, enfraquecendo a capacidade de resistência contra as injustiças sistêmicas.

Seu pensamento busca expor como a heterossexualidade está impregnada em todos os campos da sociedade, tratando-se, portanto, de um regime político. A presença dessa regência é notada inclusive nos campos que deveriam ser de sua contestação, como as ciências humanas, os movimentos sociais e as teorias revolucionárias. Wittig contrariou o próprio movimento feminista que, na época, próximo da década de 80, ainda não havia chegado à sua terceira onda e se recusava a enxergar o peso da heterossexualidade compulsória na opressão de gênero.

A autora elabora uma discussão pertinente entre materialismo e subjetividade. A importância de considerar o indivíduo e como essa questão é historicamente difícil. O marxismo ortodoxo como representação mor do materialismo quicá tornou esta análise, tão necessária, em algo aparentemente inconcebível, já que materialismo e subjetividade eram mutuamente excludentes. O cerne desse embaraço reside em compreender que os desafios enfrentados não são economicistas, mas sim problemas coletivos e sociais, pois esses problemas também se tratam de classe. Os reveses que nos afligem não começam nem terminam individualmente em nós mesmos. A luta de classes, quando explicada apenas em termos de relações trabalhistas entre burgueses e proletários, patrões e assalariados, não é suficiente para explicar nossas demandas.

Nós somos pessoas foragidas, só iremos conquistar nossa liberdade destruindo a heterossexualidade enquanto um sistema social fundado na opressão das mulheres pelos homens. Nesse sentido, o pensamento lésbico materialista de Monique Wittig é essencial para compreender as relações de dominação em totalidade.

Referências

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

WITTIG, M. *O pensamento hétero e outros ensaios*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

Recebido em: 13/04/2024

Aprovado em: 20/06/2024